

## Felicidade: cenários e desafios

*Sérgio Albuquerque Damião<sup>1</sup>*

Para Alberto Camus, “não se descobre o absurdo sem ser tentado a escrever algum manual de felicidade” (1989, p. 171). Reconheço que nossa pretensão neste prefácio será bem mais modesta do que a tentativa apontada pelo autor, entretanto, ainda que por poucas linhas, discorrer sobre a felicidade permanece um constante e apaixonante desafio. Afinal, estamos diante do anseio que atravessa toda a história da humanidade e que, apesar de todas as tentativas empreendidas, mantém sua definição permanentemente aberta e seu sentido teimosamente livre para passear pelo imaginário e pela experiência social e pessoal. Assim, ao falarmos de felicidade tratamos de um termo que, apesar de nossas vãs armadilhas, não se permite domesticar. De tal forma que as parcas certezas que podemos aferir sobre seu significado podem ser resumidas, com alguma segurança, na afirmação indicada por Zygmunt Bauman: “é melhor ser feliz do que infeliz” (2009, p. 39).

Talvez esteja exatamente nas evidentes dificuldades que descobrimos ao lidar com esse termo a explicação para a pouquíssima atenção dispensada ao longo do tempo, por pesquisadores e pesquisadoras, das mais diversas áreas de conhecimento, em relação à reflexão sobre a felicidade. No âmbito específico de minha área de atuação, o campo teológico, é sintomática a ausência de um verbete sobre a felicidade em seus dicionários. Também não é fácil encontrar pesquisas científicas dedicadas ao tema, apesar de a felicidade, se consideramos com seriedade a revelação cristã, ser o cenário de fundo que perpassa, como promessa, todo discurso teológico. Por outro lado, encontraremos com facilidade pesquisas dedicadas a discutir com profundidade acerca do mal, do pecado, da dor e da salvação... temáticas indubitavelmente relevantes, mas que não diminuem o desconforto pelo fato de que o ser feliz esteja situado à margem da reflexão teológica acadêmica. Claro que devemos fazer menção e nos alegrar quando encontramos um pequeno tópico escondido em algum subcapítulo que não figura no sumário, mas é preciso reconhecer que isto é bem pouco quando tratamos de uma experiência tão fundamental para a existência humana.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Para além do campo teológico, o cenário se avizinha um pouco mais consolador. Apesar de algumas ressalvas, a felicidade já encontra espaços em debates e pesquisas acadêmicas. Atualmente encontramos diversos(as) pesquisadores(as) dispostos(as) a discutir a respeito da possibilidade de ser feliz a partir dos mais variados campos do saber. Disciplinas sobre a felicidade têm conseguido cada vez mais visibilidade nas faculdades. Os casos mais conhecidos encontramos nas Universidades de Harvard e Yale, ambas nos Estados Unidos. Nessas universidades, as disciplinas sobre a felicidade estão entre as mais procuradas pelos alunos. Em Yale, por exemplo, a disciplina “PSYC 157: Psychology and the Good Life” tornou-se o curso mais popular de sua história com mais de 1200 inscritos (SHIMER, 2018). No Brasil, a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira universidade pública a oferecer, em 2018, um curso a respeito da felicidade.

Também é possível perceber a crescente relevância da felicidade no campo sociopolítico. Neste sentido, devemos destacar o lançamento do World Happiness Report (WHR), um relatório publicado desde 2005 e apresentado anualmente pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2022, o WHR comemorou seu 10º aniversário e destacou a intrínseca vinculação entre progresso social e felicidade da população. Ao mesmo tempo, o relatório tentou estimular o desenvolvimento de projetos políticos que façam da felicidade das pessoas seu objetivo principal (WHR, 2022, p. 7). Em 2022, também foram avaliados, os dados referentes ao impacto da Covid-19 na felicidade e no bem-estar de vários países durante os anos de 2020 e 2021. Os resultados destacaram o fato preocupante de que houve uma queda, principalmente entre os jovens, na satisfação com a vida. Outro ponto importante ressaltado pelo relatório está no aumento da preocupação e do estresse nos países analisados pela pesquisa (WHR, 2022, p. 7).

Ainda que as pesquisas desenvolvidas pela ONU tenham a intenção de nos oferecer um panorama geral a respeito da felicidade em diversos países, é necessário ressaltar que alguns autores afirmam que é preciso discordar do alcance dos dados apresentados pelo WHR. Segundo Robert e Edward Skidelski, “a tentativa de criar ‘resultados nacionais de bem-estar’ para complementar ou comparar com PIBs é um exercício inútil” (2017, p. 142-150). Entre alguns pontos, os autores destacam, no que se refere à abrangência das pesquisas desenvolvidas pela ONU, a influência das diferenças culturais e linguísticas sobre o significado da palavra felicidade nas respostas obtidas. Desta forma, os resultados apontariam para o que é dito sobre a felicidade, mas não poderiam medir ou definir a própria felicidade em si (SKIDELSKI; SKIDELSKY, 2017, p. 150).

Com a apresentação deste sintético cenário, intencionamos salientar alguns pontos que sinalizam para a pertinência contemporânea da pesquisa a respeito da felicidade. Entretanto, devemos ainda mencionar que o atual contexto socioeconômico tem se apropriado, sem pudores, do discurso relativo ao desejo de ser feliz. A partir deste discurso somos inseridos numa perspectiva que oferece uma felicidade pasteurizada e devidamente condicionada para atender às demandas lucrativas estipuladas pelo mercado econômico. Desta forma, a vida feliz estipulada nesse horizonte transforma-se em mais um produto a ser oferecido e encontra-se, desta forma, pautada pelas intermináveis obrigações prometidas pelo consumo e inseridas na busca desenfreada pela performance e pela produtividade constante.

Nesta dinâmica, a felicidade irá revelar-se como mais um peso a ser suportado e financeiramente sustentado, conduzindo o indivíduo contemporâneo à experiência da frustração e do cansaço existencial. Tal interpretação penetra em todos os âmbitos da vida e instaura, a partir de um discurso onipresente, o fardo de ser feliz. A imposição autoritária de uma fórmula uniforme para ser feliz acaba despojando a felicidade de seu sentido profundo e existencial, despindo a vida de um sentido transcendente significante. As consequências podem ser vislumbradas no surgimento de uma epidemia de solidão que vem acompanhada por um crescimento preocupante de doenças como, por exemplo, a depressão, o burnout e a síndrome do pânico.

Assistimos, impassíveis, à fragilização das individualidades e sua diluição num oceano de pasteurizações sorridentes. De tal forma que o desejo de ser feliz não está mais direcionado ao gozo da existência, mas visa, principalmente, a performance individual, confundida com excelência pessoal. Para Byung-Chul Han, tal vida equipara-se à vida de um morto-vivo, onde todos “são por demais vivos para poder morrer, e por demais mortos para poder viver” (HAN, 2017, p. 269).

Ao impor um modelo autoritário de felicidade, fica esquecido algo fundamental a seu respeito: a felicidade é sempre pessoal. De acordo com Julián Marías, felicidade em abstrato não tem sentido; não pode ser um esquema, um modelo aplicável a qualquer caso. Felicidade é minha felicidade, não só no sentido de que tem de possuir um caráter individual, particular, diferenciado, como sobretudo em que tem que ter conexão com o quem projetivo que é cada um de nós. (MARÍAS, 1989, p. 18)

Esta dimensão pessoal da felicidade só pode ser afirmada na medida que aceitamos que ela não se situa em determinações circunstanciais ou modelos socioeconômicos, por mais



requintados que esses nos pareçam. A felicidade toca o núcleo da existência. Atinge diretamente o âmago do que somos e do que sonhamos. Afeta nossas decisões e constitui a estrutura de nosso ser. De tal forma que vamos sendo felizes à medida que os vetores de nossa vida se entrecruzam, ainda que de forma inconstante, com o mistério de nossa própria realidade.

Apontar a dimensão pessoal da felicidade não constitui uma negação de seu alcance social. O ser feliz é uma experiência que se dilata e, portanto, não aceita permanecer circunscrito ao âmbito particular. A felicidade exige o encontro com outras felicidades, carregando em si uma potente força transformadora da realidade. Logo, diante de estruturas econômicas, sociais e políticas que condenam à marginalização e ao sofrimento uma parcela tão significativa de nossa sociedade, falar de felicidade só adquire relevância quando ela vem precedida por um engajamento real vivido na solidariedade que desagua na luta pela justiça e na denúncia das estruturas – discursivas ou institucionais – de infelicidade.

Por fim, neste breve texto buscamos destacar a urgente necessidade do estímulo à pesquisa sobre a felicidade. É preciso retirá-la das prisões discursivas estabelecidas por interesses tão diversos e devolvê-la a seu destinatário capital: o ser humano em sua busca cotidiana por ser feliz. Neste sentido, ainda que reconheçamos as limitações daquilo que pode ser dito a respeito da felicidade humana, encontrar na Dignidade Re-vista um espaço de debate a respeito do ser feliz, a partir das pesquisas desenvolvidas sob o olhar de diversas ciências, constitui, sem dúvida, motivo de alegria e comemoração. Convido todos e todas a mergulharem nas descobertas e inquietações que emergem dessa temática tão fascinante quanto escorregadia, redescobrando no ato de ser feliz os aspectos centrais daquilo que nos torna verdadeiramente humanos e, portanto, felizes.

## Bibliografia

BAUMAN, Z. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Ensaio sobre o absurdo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HAN, B.-C. **Topologia da Violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARÍAS, J. **A Felicidade Humana**. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

ONU. **World Happiness Report**. Organização das Nações Unidas. [S.l.]. 2022.





DAMIÃO, Sérgio Albuquerque. Felicidade: cenários e desafios.

**Dignidade Re-Vista**, v.9, n.14, jul 2022.

**DIGNIDADE**  
RE-VISTA

SHIMER, D. Yale's Most Popular Class Ever: Happiness. **The New York Times**, 2018.

Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/01/26/nyregion/at-yale-class-on-happiness-draws-huge-crowd-laurie-santos.html>>. Acesso em: 21 mai 2022.

SKIDELSKY, R; SKIDELSKY, E. **Quanto é Suficiente?** O amor pelo dinheiro e a defesa da boa vida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

 10.17771/PUCRio.DigRev.60096